

humanitas

Vol. XXI+ VVGG

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



from the forum» (p. 52) — que não traduz necessariamente a única realidade possível — e «On a Roman holiday there was simply no business — but show business» (p. 53) que soa a canção de revista.

A vivacidade do A. reflecte-se em observações risonhas: «The departure of father or wife is always the occasion for a Plautine party» (p. 27); ou espirituosas: «Their (of the *matronae*) every breath is an ill wind on the sea of matrimony» (p. 29).

Entretanto, a informação do livro é mais segura e mais sólida, do que a leveza do estilo do A. deixa supor. E há páginas bem demonstradas como aquela em que esboça em traços rápidos o carácter prático e utilitarista do romano da época plautina, baseando-se em fontes mais ou menos contemporâneas e não apenas no próprio comediógrafo (p. 54).

Entre as «descobertas» menos convincentes do A. está a do *leno* como desmancha-prazeres (ou *agelast* na caracterização grega de Segal). Para o A., o proprietário de lupanar é odiado e vilipendiado pela clientela, porque «he makes a business of pleasure» (p. 80); e Segal põe em relevo, repetidas vezes e de diversas maneiras, o «anti-holiday sentiment» do *leno* (p. 81 e outras). Todavia, parece claro que o *leno* apenas é «agelast», porque lhe não pagam as *meretrices*, cujo aluguer ou venda constitui o seu negócio, e porque a boémia acaba por ser, quase sempre, à sua custa e em seu prejuízo.

Quanto à má vontade contra os que se alheiam do ambiente festivo das celebrações públicas (p. 91), há um bom exemplo em Ovídio, *Met.* IV, 32 e segs.

A tradução de *Poenulus*, 289, ao fundo da p. 29, é forçada; e também a de *testimonium* por «truth» na frase de Cícero, citada na p. 37. Finalmente, na abertura das *Rãs* de Aristófanes, τὰ εἰωθότα, ou «old gags», como lhes chama Erich Segal, parecem ser sobretudo de carácter vocabular (cf. *Ἐἶπω τι τῶν εἰωθότων*...); isto é, gracejos de mau gosto como aqueles que Dioniso enumera, a pretexto de não os admitir ao seu interlocutor.

A. C. R.

Minúcio Félix, Octávio. Edições Paulistas, Lisboa, 1961, 197 pp.

Trata-se de uma tradução portuguesa anónima, feita na passada década, do famoso livro de Minúcio Félix, autor do 2.º para o 3.º século da nossa era. Na Introdução, o editor anónimo deste 12.º volume da «Colecção Patrística», publicada pelas «Edições Paulistas», faz brevemente a história do texto do *Octavius* que passou muito tempo por livro *octavus* do tratado de Arnóbio, *Adversus Nationes*, no código Paris. lat. 1661, até ser identificado por François Baudouin, em 1560. Segue-se uma breve tentativa biográfica sobre Minúcio Félix e as personagens do diálogo, composta algo descuidadamente, e uma exposição sobre o conteúdo doutrinário do *Octavius*.

Este diálogo, como sabe quem o leu, é uma apologia do Cristianismo, constituída por duas longas dissertações em que um dos interlocutores, o pagão Cecílio Natal,

expõe as opiniões e preconceitos anti-cristãos do Paganismo e é contraditado com êxito por Octávio Januário, defensor do Cristianismo. Minúcio Félix, também cristão, autor e personagem do diálogo, actua como árbitro da discussão.

O título, à maneira de Cícero, é o nome de uma das personagens, e o cenário recorda os diálogos ciceronianos: os três amigos, em férias judiciais de Verão, passeiam ao longo da praia, em Óstia. Cecílio saúda de passagem uma estátua do deus Serápis e, respondendo a um comentário de Octávio ao seu gesto, dispõe-se a dissertar sobre as razões por que não aceita o Cristianismo: a impossibilidade de uma certeza sobre a vida no Além, de conhecimento inacessível aos mais hábeis filósofos e, por maioria de razão, a cristãos incultos; a tradição romana em que Império e deuses pagãos se aliam; as práticas secretas dos cristãos e os rumores malévolos que sobre eles correm. Aqui Cecílio reforça os seus argumentos com a citação de um discurso de Frontão.

Octávio responde que todos os homens são aptos para conhecer a verdade; que o conhecimento de si próprio resulta do conhecimento de Deus, e que este se conclui da ordem, harmonia e finalidade do Universo; que Deus é um só, como os próprios filósofos e poetas pagãos admitem; que o império romano nada deve aos deuses do Paganismo, mas é o resultado da superioridade militar de Roma; que auspícios e oráculos são obra de «demónios», cuja existência é aceite pelos próprios filósofos pagãos; que são esses «demónios» os disseminadores de calúnias contra os cristãos, cuja vida simples, digna, e até heróica, contrasta com a corrupção do comum dos pagãos.

Apesar da sua apologia do Cristianismo, o *Octavius* não menciona nenhum dogma específico e nem sequer o nome de Jesus Cristo. O tom é cordial e urbano, parecendo obra dirigida sobretudo aos pagãos cultos em que pretende desfazer preconceitos inibidores da simpatia pelo Cristianismo. A informação cristã de Cecílio e a sua conversão, dado que Cecílio acaba por se dar por vencido, viriam depois.

Tornando agora ao livro das «Edições Paulistas»: o tradutor anónimo é fluente, embora ocasionalmente obscuro (cf. p. 153, 2.º período). Mas o comentário reflecte apenas fontes italianas, com uma submissão monocórdica que deixa a impressão de cópia pouco inspirada (cf. a nota 3 de p. 45). Qualquer observação ao texto lhe pode sugerir reminiscências italianas, particularmente de Dante, quer se trate do balbuciar duma criança (p. 41, n.º 1), ou do cruel Perilo (tão mencionado pelos nossos quinhentistas!), que lhe traz à mente seis versos do *Inferno* (p. 52, n.º 9).

A influência italiana é ainda patente em questões que revelam ignorância da língua portuguesa: grafias como «hesâmetro» (com -s- em vez de -x-), «idra» (sem h-); versões do latim como «Nepote» por Nepos, possível mas fora do uso corrente, e «Gelone» por... Hierão.

Nada temos contra a cultura italiana, que muito admiramos. Todavia, uma tradução portuguesa supõe a adaptação à nossa língua e à nossa cultura, do autor traduzido. E já agora, para terminar, o «lido de Tróia», em português, é a «costa de Tróia» e Ganimedes não é, e nunca foi, «a belíssima filha de Trós» (p. 119, n. 13). Este passo está ainda mal traduzido.

A. C. R.